

O dia em que conheci “A Literatura Russa”

Raquel Toledo¹

Estava no meio de uma das minhas aulas de literatura para o Ensino Médio quando meu telefone começou a tocar. Quinta-feira, em algum momento perto do fim manhã, Walter, meu editor na Folha de S. Paulo – com quem eu nunca havia falado por telefone – estava me ligando. Discretamente, afinal celulares são proibidos na minha sala (pois é, toda regra tem sua exceção, que, nesse caso, era eu), escrevi a ele que não poderia falar agora, mas para que ele mandasse mensagem e, assim que eu trocasse de aula, me atualizaria. Não sabia o que poderia ser aquilo, mas na minha cabeça, ligação é coisa urgente. Pensei que poderia haver algum problema com o último texto que entreguei, mas isso não fazia sentido, a resenha havida sido publicada há semanas. O que seria então? Passei por minutos finais de aula tentando não pensar sobre os áudios que chegavam, missão a qual falhei miseravelmente.

Quando o sinal tocou, eu já estava com o telefone no ouvido. O áudio me dizia que Víktor Eroféiev estava no Brasil e que surgiu na redação a ideia de entrevistá-lo, o que seria bem

mais interessante do que apenas uma resenha do livro que ele estava lançando por aqui, *O bom Stálin*. E, então, o convite: eu poderia fazer a entrevista com ele? Ah, ele só teria disponibilidade naquele mesmo dia ou, no máximo, na sexta, já que sábado de manhã ele iria embora, de volta para a Alemanha. Em qualquer outro momento da minha vida, eu diria não. Não sou jornalista, nunca fiz uma entrevista na vida, fico nervosa perto de escritores, não tenho nenhuma condição de entender com segurança o que ele me responder em russo. Todavia, há um tempo decidi que abraçaria as possibilidades e, com esse lema em mente, disse sim logo depois de me certificar de que poderíamos conversar em inglês.

Mas a coragem não apaga o fato de que eu não sabia mesmo preparar uma entrevista. Li alguns textos que poderiam ser usados como referência e escrevi algumas perguntas. Enviei ao meu editor que, de forma solícita e didática, me mostrou o que funcionava e o que tinha chance de cair no vazio. Também combinamos que seria interessante trazer a conversa para o

¹ Mestre em Literatura e Cultura Russa pela Universidade de São Paulo. E-mail: rachtoledo@gmail.com.

contemporâneo, tanto literário como político da Rússia. Falar de Pútin sempre é espinhoso, mas com certeza traz leitores para além dos já costumeiros fãs de literatura russa.

Perguntas prontas, lá fui eu, no fim da tarde, em direção ao hotel onde Eroféiev estava hospedado. Quando cheguei, ele e a fotógrafa que a Folha de S. Paulo enviou já estavam se entendendo em francês. O autor jantava. Na verdade, já esperava, sentado à mesa com sua editora, uma sobremesa. Um sorvete de chocolate. Ele me convidou para me sentar e começamos a conversar sobre amenidades enquanto ele devorava a sobremesa. Aquela cena me chamou a atenção, não pude evitar de ficar pensando com que frequência Víktor Eroféiev se dava ao luxo de devorar um sorvete de chocolate, algo naquela cena me parecia ilícito, algum tipo de prazer secreto. Ele comia com avidez e fazia até alguma sujeira. Estava de moletom preto que, rapidamente, ficou com uma marca do sorvete que caiu. Tomei um café enquanto tudo aquilo acontecia. Quando ele terminou, a fotógrafa sugeriu que ele trocasse de roupa para não aparecer nas fotos com a marca do sorvete, o que ele imediatamente ignorou. Enquanto isso, seguíamos conversando. Ele me perguntou se eu era jornalista, o que esclareci, e então ele quis saber o que me interessava tanto na Rússia, ao que respondi “a literatura russa”. Eroféiev escancarou um sorriso e afirmou com pompa “eu sou a literatura russa” e lambeu a colher.

Fomos, os quatro, até um salão privado do hotel. Apesar de ser um hotel na região nobre dos Jardins, em São Paulo, o salão privado mais parecia uma churrascaria daquelas de bairro, as paredes pintadas de um verde-limão que lembrava um *chroma-key* e decoradas com quadros de gosto duvidoso. Eroféiev pareceu se incomodar, mas rapidamente a fotógrafa fez de tudo para melhorar a área, mudando móveis de lugar e criando um espaço fotografável. Perguntei a ele se poderia gravar o áudio e comecei com minhas perguntas, às quais eu pronunciava não sem um certo tremor na voz que refletia meu absoluto tremor geral. Falamos sobre as relações entre biografia e literatura, especialmente em *O bom Stálin*. Também falamos da vida como autor emigrado, os caminhos migratórios que a literatura russa tomou ao longo dos séculos e, claro, de Pútin, a quem Eroféiev comparou, sem dificuldades, a Stálin.

Ao final da conversa, já bem mais tranquila, contei para ele sobre a minha iniciativa de trazer algumas autoras russas para as estantes por aqui, dos meus cursos sobre o tema e sobre o livro da Téffi que estava organizando à época. Ele disse que de fato o machismo invisibilizou muitas autoras e que o túmulo de Téffi em Paris está abandonado. Na hora, ele não se lembrou do primeiro nome da autora, afirmou com certeza que não era Nadiejda, como eu havia dito. Mas é.

De forma geral, a conversa foi simpática e Eroféiev, que ama falar, deu corda para as minhas perguntas de forma respeitosa, não sei se me levando a sério ou apenas tratando a si mesmo com a gravidade que sempre se dá.

Antes de ir embora, ainda foi preciso fazer mais fotos, agora no *rooftop* do hotel, um lugar bem mais agradável. Acompanhei a sessão ainda trocando amenidades, especialmente sobre São Paulo e o Rio, que ele havia conhecido e adorado. Esse momento de

descontração ainda nos rendeu algumas risadas e, claro, uma foto juntos que guardo com muito carinho. Foi bom para me lembrar de uma frase um dia escrita por uma ucraniana e que essas quase duas décadas de estudos russos vira-e-mexe traz de novo à minha mente: tudo na vida começou com um sim.